

João Tiago Pedroso de Lima *
(NICPRI- Universidade de Évora)

Imaginar a Europa: de Sujeito a *enjeu* da História

I

Nos últimos cinquenta anos, a imagem da *Europa*, ou daquilo que se “abriga” por detrás deste conceito, sofreu múltiplas transformações. Podemos dizer, aliás, que as *imagens*, que os europeus desenharam e continuam a desenhar da sua própria condição de viajantes nesse destino comum, estão bastante longe de reunir um consenso minimamente alargado. Eduardo Lourenço é um ensaísta europeu (o que não é exactamente o mesmo que dizer *europeísta*). Também ele embarcou, portanto, nessa aventura imaginária, pois «foi sempre como um barco que o imaginário europeu se representou o seu destino de viajante – barca de Noé, barco de Ulisses, nau dos loucos, nau redentora de Colombo – levando a bordo a humanidade inteira»¹. De resto, Eduardo Lourenço parece ter entrado nesta embarcação bem cedo. Sabemos que, desde o texto que abre o primeiro volume de *Heterodoxia* (1949) e que tem como título “Europa ou o diálogo que nos falta”, a temática europeia está presente na obra do pensador que é o assunto deste Congresso. A perspectiva que aqui adoptamos funda-se no pressuposto de que a primeira imagem da Europa que se encontra no pensamento de Eduardo Lourenço, não deixando de integrar elementos problemáticos e até interpeladores, assume um estatuto que poderíamos designar de mítico. Deste modo, julgamos pertinente estabelecer um paralelo entre essa primeira imagem da Europa segundo Eduardo Lourenço e as concepções quase contemporâneas delineadas por dois

¹ EDUARDO LOURENÇO, “O nosso tempo e o tempo dos outros”, *JL. Jornal de letras, artes e ideias*, Lisboa, 16/1/2008, p. 8.

importantes filósofos europeus, a saber: Edmund Husserl, na célebre conferência “A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia”, proferida em Viena a 7 de Maio de 1935, e Karl Jaspers, na comunicação “O Espírito Europeu”, apresentada nos famosos *Encontros Internacionais de Genebra*, a 13 de Setembro de 1946. O que há de comum a estes três textos que, como é evidente, não são homogêneos, talvez seja o tomar a Europa como *sujeito* da História, embora, como teremos ocasião de o verificar, a posição de Jaspers abra caminho para uma abordagem já distinta.

Ora, a partir de meados dos anos Oitenta do século passado e até hoje (no sentido quase literal da expressão), com uma permanência praticamente sem falhas, Eduardo Lourenço dedicou às relações da Europa com as suas imagens e, por vezes até, à própria incapacidade da Europa em construir novas imagens de si própria, uma vasta atenção. Neste novo capítulo do seu percurso intelectual, Eduardo Lourenço parece descobrir a Europa como questão, pois, de mito regulador, ela vê-se agora enredada num jogo labiríntico do qual ninguém possui o segredo, nem sequer os Estados Unidos da América, como, por vezes, alguns europeus gostam de imaginar, enquanto há outros que parecem viver apavorados só com a hipótese disso suceder. Claro que pensar ou imaginar a Europa no nosso tempo, sem tomar em consideração o papel dos EUA num mundo cada vez mais global (e a temática da globalização também não escapa à reflexão questionante de Eduardo Lourenço – relembre-se, a título de exemplo mais representativo – *O Esplendor do Caos*), seria incorrer numa imensa ingenuidade. Não por acaso Eduardo Lourenço afirma, em texto de 1999: «Há meio século que somos os gregos do império americano, o único vencedor, sabemo-lo melhor hoje, da Segunda Guerra Mundial»². Pensar a Europa, nos nossos dias, talvez passe também por explorar

² EDUARDO LOURENÇO, *A Europa Desencantada. Para uma mitologia europeia*, Lisboa, Gradiva, 2001 (2ª ed. Aumentada), p. 218.

o que se esconde por detrás do sentido, só aparentemente óbvio, desta metáfora, pelo que, no fim deste estudo, a ela haveremos de voltar.

II

É costume dizer-se que a temática da Europa está presente desde sempre na obra de Eduardo Lourenço. Para isso recorda-se um texto que abre o primeiro volume de *Heterodoxia*, que foi publicado numa época em que também muitos outros intelectuais europeus dedicavam ao futuro do Velho Continente grande parte das suas preocupações. Essa tendência nada tem de surpreendente, pois a Europa vivia a *ressaca* da Segunda Guerra Mundial. Assim, Eduardo Lourenço estaria a par das inquietações da Europa desse tempo. O próprio não hesita em lembrar esse facto, quando, em entrevista à *Revista* do jornal *Expresso*, publicada a 27 de Março de 1993, declara: «O primeiro ensaio que escrevi, o que figura em primeiro lugar na *Heterodoxia*, é de 1949 e já se chamava *Europa ou o Diálogo que nos falta*»³. Compreende-se a quase irresistível tentação de lembrar esse capítulo e sobretudo o seu famoso título, mas a verdade é que há qualquer coisa de ilusório nessa evocação. Relendo hoje o referido ensaio, só com algum esforço poderemos considerar que a Europa é aí questionada, quer na sua definição, quer no seu destino histórico.

Com efeito, “Europa ou o diálogo que nos falta”, publicado embora numa quase plena (ainda que, de certo modo, irreal) contemporaneidade com o dealbar do projecto Jean Monnet e Robert Schuman, constitui sobretudo uma nova investida nessa espécie de *guerra civil cultural* que, em Portugal (um pouco como, aliás, sucedia em Espanha),

³ ID., “Uma certa ideia da Europa”, entrevista por Clara Ferreira Alves, Suplemento *Revista* de *Expresso*, Lisboa, 27/III/1993, p. 46.

se travava a pretexto ou, quando muito, *em nome de uma ideia ou imagem mítica da Europa*. Nele encontramos um discurso redigido num tom polemizante, à maneira típica de uma certa mentalidade da cultura portuguesa dos anos Quarenta. Julgamos inclusivamente que se trata de um texto algo *datado*, até se o compararmos com outros escritos de Eduardo Lourenço dessa sua época coimbrã que, em nosso entender, resistiram melhor à usura do tempo. Por outro lado, o próprio título é razoavelmente enganoso. O que está verdadeiramente em causa talvez seja mais o diálogo que nos falta (e aí o ensaio de Eduardo Lourenço não esconde a sua ascendência, pois nele reencontramos certos argumentos anteriormente esgrimidos por Antero e por António Sérgio) do que propriamente o interlocutor Europa.

De que Europa se tratava, ainda assim, nesse texto do jovem ensaísta heterodoxo? Se, por um lado, emergia a consciência de que não se viviam tempos fáceis, a verdade é que, mesmo assim, Eduardo Lourenço foi capaz de escrever o seguinte: «Hoje [em 1949], a Europa é novamente a luta para encontrar um sentido para o destino histórico dos homens, uma luta mortal por um mínimo de certezas materiais e espirituais suficientes para tornarem viável o convívio humano. É essa luta perpétua para alcançar uma harmonia no mundo do espírito e da acção que é essencial à Europa»⁴. Apece dizer sobre esta tese e até sobre todo o ensaio de onde ela é retirada, algo de muito semelhante àquilo que Eduardo Lourenço, há alguns anos, afirmou acerca de uma muito conhecida página de António Sérgio no seu ensaio *O Reino Cadaveroso ou O problema da cultura em Portugal*: «Precisava de um semestre para a comentar linha a linha como se faz para os versículos bíblicos»⁵. Deixo esse propósito para outra ocasião, pois agora é possível trilhar outra pista. Por exemplo, relacionar esta tese de Eduardo Lourenço sobre a missão histórica da Europa e as concepções que, a respeito

⁴ ID., *Heterodoxia I*, Coimbra, 1949, p. 31.

⁵ ID., *Destroços. O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 2004, p. 146.

do mesmo assunto, são defendidas por Edmund Husserl e por Karl Jaspers, em duas palestras intercaladas precisamente pela Segunda Guerra Mundial.

A cinco de Maio de 1935, na sala de conferências do *Österreichisches Museum* em Viena, Husserl lança a seguinte interrogação: «*A forma espiritual da Europa* – que é isso? É mostrar a ideia filosófica imanente à história da Europa (da Europa espiritual) ou, o que é o mesmo, a sua teleologia imanente»⁶. Assinalando, desde já, que encontramos nestas palavras de Husserl uma ressonância evidentemente hegeliana, importa dizer que, também neste caso, se visa desenhar os contornos de uma filosofia da história da Europa, mergulhando as suas raízes numa determinada concepção de filosofia (identificada por Husserl com o que defende ser a sua origem na Grécia Antiga), que se caracteriza precisamente por ser uma atitude em que o espírito humano propõe a si mesmo um conjunto de tarefas que se distinguem, antes de mais, pela sua infinitude. Segundo Husserl, a filosofia e as ciências, provenientes desse acontecimento genésico, obtêm resultados culturais distintos dos de qualquer outra actividade humana conhecida. Os produtos materiais que o homem realiza são temporalmente limitados. Ao invés, «as aquisições científicas (...) têm um modo de ser totalmente diferente, uma totalmente diferente temporalidade. Elas não se desgastam, são imperecíveis»⁷. Por conseguinte, a filosofia e as ciências que nela se fundam abrem caminho para uma nova atitude, na medida em que é com elas que se revela uma ideia de verdade completamente nova: a verdade incondicional, a verdade que vale apenas por si mesma.

No quadro da fenomenologia husserliana, esta ideia de verdade incondicional resulta da natureza rigorosamente teórica da filosofia, que se demarca com nitidez da chamada atitude natural, esta sim, confinada a preocupações de cariz prático ou

⁶ EDMUND HUSSERL, “A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia”, *Europa: Crise e Renovação*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, trad. do alemão por Pedro Alves e Carlos Morujão, p. 124.

⁷ *Ibidem*, p. 128.

material. Mesmo se considerarmos que a atitude religiosa tem uma amplitude universal, nem por isso ela deixa de ter como fim, do ponto de vista de Husserl, «servir os homens nas suas finalidades humanas, para que conformem a sua vida mundana do modo mais feliz possível, a possam proteger da doença, da fatalidade de todo tipo, da miséria e da morte»⁸. É neste ponto preciso que se destaca a atitude estritamente teórica inaugurada pela filosofia. Trata-se de uma atitude que apenas cria (e apenas pretende criar) objectos teóricos e científicos, isto é, objectos ideais e espirituais que se situam numa temporalidade própria, visto que são imperecíveis. Ora, a crise que assola a Europa tem a sua fonte numa espécie de doença, que se propaga ao longo da modernidade filosófica, e a que Husserl chama objectivismo, o qual consiste no desejo de importar para as regiões do espírito a metodologia das chamadas ciências da natureza. Na perspectiva de Husserl, ao identificar conhecimento com conhecimento objectivo e factual (e, por isso, limitado espacio-temporalmente), ao identificar ciência e ciência da natureza, a Europa, ou melhor, a humanidade europeia, está a secar a sua fonte espiritual grega e, portanto, a destruir a sua teleologia imanente.

A Europa muda profundamente na década seguinte ao ano da conferência de Husserl em Viena. Como assinalou em devido tempo Eduardo Lourenço, esses dez anos correspondem ao momento crepuscular de uma certa imagem da Europa. Com efeito, escreve o nosso ensaísta em Dezembro de 1984 (em pleno processo de entrada de Portugal na então C.E.E., portanto), «entre 1914 e 1945 a velha Europa como *sujeito da História* suicidou-se para se tornar em seguida, pouco a pouco, “enjeu” da mesma História, lugar onde a vontade extra-europeia exerce o seu fascínio e o seu poderio»⁹. Em nosso entender, a perspectiva de Karl Jaspers, na sua intervenção nos famosos *Encontros Internacionais de Genebra*, reflecte, ao menos em parte, essa transmutação.

⁸ Ibidem, p. 135.

⁹ EDUARDO LOURENÇO, “O diálogo que somos”, Suplemento *Revista de Expresso*, Lisboa, 29/XII/1984, p. 35.

Por um lado, este filósofo da existência revela-se profundamente desiludido e, por isso, afirma: «Humanismo, civilização, equilíbrio político, Igrejas, todas estas coisas grandes, parecem mais não ser que fachada de primeiro plano. Não podemos contar com elas. São-nos indispensáveis, mas não bastam»¹⁰. Por outro lado, Jaspers, num movimento que parece análogo ao de Husserl, embora a fonte que ambos pretendam recuperar seja distinta, sugere: «Devemos voltar-nos para épocas mais remotas, para as nossas origens históricas, para donde outrora arrancavam a sua seiva as forças que hoje tão enfraquecidas se encontram»¹¹. Encontramos, por isso, uma certa assimetria entre a diagnose e a terapia para a crise que a Europa vive. De qualquer modo, Jaspers esboça já uma perspectiva da Europa que poderíamos considerar, passe a expressão, *euro-descentrada* ou, nas palavras de Eduardo Lourenço, uma Europa que de *sujeito da História* passou a estar em jogo e num jogo que já não controla por completo. Segundo Jaspers, «a Europa toma consciência do que lhe é próprio por contraste e perde, por isso, o seu carácter absoluto»¹².

Dir-se-ia que, neste trânsito entre as imagens que da Europa fazem Husserl e Jaspers, qualquer coisa de essencial parece estar a mudar. Com efeito, ambos os filósofos parecem, por um lado, coincidir no modo como julgam ser possível ultrapassar a crise europeia. E por isso ambos decidem recuperar o passado da Europa como se tratasse de uma espécie de *património comum* a todos aqueles que se vêem como europeus. Contudo, este não é um território isento de dificuldades. Muito pelo contrário. De resto, isso já era visível naquele que, desde sempre, Eduardo Lourenço escolheu como um dos mais importantes interlocutores do seu pensamento, ou seja, o programa

¹⁰ KARL JASPERS, “O Espírito Europeu”, AAVV, *Encontros Internacionais de Genebra. O Espírito Europeu*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1962, trad. do francês por João Bénard da Costa, p. 300.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*, p. 302.

hegeliano de construção de um Saber Absoluto¹³. Em texto com a data de 1989, o nosso ensaísta lembra que «o olhar europeu (...) será convertido por Hegel, nas suas *Lições sobre a História Universal*, em olhar absoluto da história sobre si mesma»¹⁴. E, a seguir, remata, numa fórmula que evoca inevitavelmente a conferência de Husserl, «[em Hegel], a história do espírito é a história da consciência humana como consciência ocidental, ou, ainda melhor, da consciência ocidental como consciência humana»¹⁵.

Ora, uma das maiores dificuldades com que a Europa, hoje mais do que nunca, se depara consiste em pensar (e até em *pensar-se*) num registo que vamos designar como pós-hegeliano. Ou seja, a Europa continua a não querer aceitar o facto de já não ser o Sujeito da História, sendo que formular assim a questão é provavelmente incorrer no equívoco (a que Hegel não foi imune) de admitir que, alguma vez, ela tenha sido detentora de tal estatuto. Não se trata aqui, evidentemente, de procurar defender uma espécie eurocentrismo invertido. Muito menos de negar as evidências: os povos e as culturas da Europa (o que não é sinónimo de: *a* Europa) desempenharam um indispensável papel em momentos decisivos da História da humanidade. O que talvez seja preciso recordar, como Jaspers já o fez, é que os europeus não viveram nem vivem a sua aventura isolados das outras civilizações. Mais: a própria afirmação da civilização europeia, no que ela se foi revestindo de identidade e diferença, radica num processo, complexo e muitas vezes violento, de diálogo e de conflito com outras culturas.

É no quadro destas reflexões que cruzam a filosofia da história e a Europa que, para nós, se deve situar o ensaio de 1949 de Eduardo Lourenço. Por que dizemos nós que, nesse texto em particular, encontramos não ainda uma questionação da Europa, mas, isso sim, uma sua imagem mítica? Por outras palavras, por que motivo

¹³ Cf. JOÃO TIAGO PEDROSO DE LIMA, *Existência e Filosofia. O ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Porto, Campo das Letras, 2008, pp. 21-44.

¹⁴ EDUARDO LOURENÇO, *A Europa Desencantada. Para uma mitologia europeia*, op. cit., p. 44.

¹⁵ *Ibidem*.

sustentamos nós que se trata um texto que se move dentro de um paradigma hegeliano? Claro que é preciso sublinhar, em nome do rigor, que Eduardo Lourenço alerta o leitor para o facto de, ao contrário «do tempo de Herculano ou de Antero, [em que] a linha do espírito europeu parecia desenhar-se com uma certa nitidez e era relativamente fácil caminhar sobre ela»¹⁶, a cultura europeia estar a viver uma realidade atribulada. Em relação ao tempo da *Geração de 70*, «toda a solidez desse mundo se encontra já fragmentada caoticamente. Pensemos em Fernando Pessoa»¹⁷. A referência a Pessoa, que, como bem sabemos, se irá revelar determinante em toda a obra de Eduardo Lourenço, não é, todavia, explorada como certamente hoje o seria. Funciona como uma distorção, sintomática mesmo assim, numa imagem mítica da Europa que, neste ensaio de 1949, não apresenta outras fissuras. Ou seja, a Europa é ainda o lugar da manifestação histórica do Absoluto. Na verdade, definida como cultura cuja «primeira e fundamental das exigências é a liberdade», a imagem da Europa como realidade conflitual e encontro de diferenças pode servir, para o jovem Eduardo Lourenço, como modelo a seguir por uma cultura, a portuguesa, que, «passando à margem dos três decisivos acontecimentos espirituais da idade moderna – a cisão religiosa das reformas, a criação físico-matemática e a filosofia cartesiana»¹⁸, vem arrastando «uma existência crepuscular»¹⁹. Ora, como já vimos em Husserl e em Jaspers, era a própria Europa configurada pela modernidade que, nessa altura, começava a fornecer indícios de estar sucumbir. A Europa descobre-se, por fim, como problema para si própria. E disso, a não ser obliquamente (lembre-se a menção a Fernando Pessoa), o ensaio de Eduardo Lourenço não trata. Aos olhos do seu autor, parece ainda não ser claro que a Europa deixara de ser *o sujeito da História*.

¹⁶ EDUARDO LOURENÇO, *Heterodoxia I*, op. cit., p. 30.

¹⁷ *Ibidem*, p. 31.

¹⁸ *Ibidem*, p. 21.

¹⁹ *Ibidem*.

III

Sem que isso se possa considerar isso paradoxal ou até bizarro, a verdade é que os impasses e os desafios, os momentos eufóricos e depressivos, da chamada construção europeia vieram a reclamar e a fazer crescer o questionamento que a Europa e os europeus fazem acerca de si mesmos. Ao colocar-se o problema da sua identidade, a Europa acha-se numa encruzilhada. Ou se se preferir, entra numa estranha dança de imagens e de máscaras. Neste quadro, talvez o que agora esteja em jogo passe a ser o desejo de desvendar o imaginário do que responde pelo nome de Europa. Em ensaio precisamente intitulado “A Europa e a questão do imaginário”, Eduardo Lourenço diz o seguinte: «o imaginário e a sua função, na arquitectura global do que chamamos nosso destino, não se situa no simples prolongamento do real, como sublimação dele ou compensação da sua ausência (...). O espaço do imaginário, individual ou colectivo, (...) não é um mundo que se contempla, é um mundo que nos invade e no qual estamos imersos enquanto esse imaginário existe»²⁰.

Posto o problema nestes termos, deixa de ser fácil acreditar, sem mais, na hipótese de se criar um imaginário europeu. Ou, se se preferir, de o *importar* como se fosse uma mercadoria de que uma determinada cultura (por exemplo, a portuguesa) sentisse a falta. Ver a Europa de acordo com este quadro de referências é continuar a imaginar uma Europa mítica. Desde logo, porque a Europa viveu, nestes últimos vinte anos, pelo menos de uma forma anteriormente nunca tão consciencializada, as circunstâncias que fazem do seu próprio destino uma verdadeira questão. Por outro

²⁰ EDUARDO LOURENÇO, “A Europa e a questão do Imaginário”, AAVV, *Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo*, Lisboa, Fim de Século Edições, 1999, pp.14-15.

lado, um imaginário não se inventa. Pelo contrário, nós é que nos poderíamos descobrir como europeus se, num certo siso, tivéssemos sido *inventados* por qualquer coisa que, num primeiro momento, se tivesse estabelecido como um *imaginário europeu*. Jaspers disse-o em tempo útil: *a Europa toma consciência do que lhe é próprio por contraste*.

Contudo, e isso não deixa de ser curioso, o mesmo Jaspers defende que esse contraste e essa *euro-descentração* «mantêm-se ainda, no entanto, no interior do mundo cristão - a Europa, enquanto Ocidente, estendendo-se tão longe quanto a religião bíblica e assim compreendendo a América e a Rússia»²¹. Por seu turno, para Husserl, «no sentido espiritual, é manifesto que os domínios ingleses, os Estados Unidos, etc., pertencem à Europa»²². Os Estados Unidos não são ainda vistos como exterior (nem como interlocutor, nem como ameaça) da Europa, como contraste de uma cultura que se vai estendendo planetariamente sem, contudo, perder o seu centro originário. Hoje, nada nos poderia parecer mais longe da realidade do que esta espécie nostalgia sem sentido. Será que Kundera tem cada vez mais razão quando define o europeu como «aquele que tem a nostalgia da Europa»²³?

O acontecimento que é chave nesse processo de euro-descentração, identifica-o Eduardo Lourenço com o famoso *dia mais longo* «do desembarque libertador na Normandia (...) [que significou] a maior cruzada da liberdade que até hoje conhecemos, [na qual] quase meio milhão de homens se ofereceu ou foi oferecido pela lógica de uma história que os ultrapassava e os sacrificava, para que uma Europa, tenebrosamente seduzida pelo demónio da violência, acordasse da sua noite totalitária»²⁴. Estas palavras escreveu-as o nosso ensaísta quando viu, na televisão decerto, «imaculado, com aquela

²¹ KARL JASPERS, op. cit., p. 301.

²² EDMUND HUSSERL, op. cit., p. 123.

²³ MILAN KUNDERA, *A Arte do Romance*, Lisboa, Dom Quixote, 1988, trad. do francês por L. Feijó e M.J. Delgado, p. 150.

²⁴ EDUARDO LOURENÇO, “O Império desembarca em sua casa”, *Público*, Lisboa, 6/VI/2004, p. 6.

cara de primeiro comungante que pôs para ver o Papa, o Presidente George Bush [ao comemorar o chamado *Dia D*] (...) e com ele a América» no momento em que o Império, sessenta anos depois, *desembarcou na sua própria casa*. Os Estados Unidos talvez não tenham sido os únicos vencedores da Segunda Guerra Mundial, mas não restam dúvidas que «nas planícies da Ucrânia (...) e nas praias de Okinawa e da Normandia»²⁵, não morreram apenas os rapazes da Virgínia e de Massachussets. Também uma imagem (mítica, nostálgica, hegeliana) sucumbiu nas margens de um certo fim da história. Claro que daqui não decorre a legitimidade, moral ou outra, dos Estados Unidos se transformarem doravante em sujeitos da história, em olhar e consciência absolutos no qual o mundo inteiro se revê porque a isso é obrigado. Mas, para a Europa, os Estados Unidos constituíram-se como lugar de contraste que simultaneamente *exerce o seu fascínio e o seu poderio*. Ao retornar ao seu ponto de partida, a embarcação de Colombo traz consigo o espelho onde a Europa se recusa a conhecer-se a si própria.

Num dos escritos mais notáveis que dedicou aos problemas da cultura europeia, por ocasião da lição que proferiu na Cátedra com o seu nome, na Universidade de Bolonha, Eduardo Lourenço lança-nos um convite para, enquanto europeus, jogarmos esse que é o mais urgente e mais impossível dos desafios: o do encontro connosco mesmos. «Como já não estamos como actores da História, enquanto políticos, no centro do mundo, imaginamos que como cultura fomos retirados da mesma história. Mas somos nós que nos retiramos, fantasmando em excesso a sedução alheia e enegrecendo inconsideravelmente o nosso próprio rosto. Não nos espantemos que seja agora de fora que a imagem finita de nós mesmos nos seja apresentada»²⁶.

²⁵ Ibidem.

²⁶ ID., “O nosso tempo e o tempo dos outros”, op. cit., p. 9.

São imensos os textos e as intervenções públicas em que Eduardo Lourenço, especialmente desde os anos Oitenta, tem vindo a desenhar múltiplas imagens da Europa. Num dos mais recentes ensaios que publicou, fala dela como «uma entidade à procura de existência credível [e que por isso está] paralisada (...) [e] mutilada»²⁷. E, no entanto, Eduardo Lourenço desde há muito que se preocupa em distinguir Europa e *européismo*, espécie de auto-ficção alucinada que «consciente ou inconscientemente, tem condicionado o seu destino contra a sua realidade»²⁸. O europeísmo talvez seja uma máscara ou uma nova imagem mítica que construímos obsessivamente para afugentarmos o pavor de não nos reconhecermos europeus, ou seja, navegantes de um barco que já não transporta a humanidade inteira. E que talvez apenas como ficção um dia terá chegado a partir.

*João Tiago Pedroso de Lima (n. 1966) é Professor Auxiliar na Universidade de Évora onde defendeu o Doutoramento em Filosofia no ano de 2003. Licenciado em Filosofia e Mestre em Filosofia Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Publicações mais relevantes: *O Fogo do Espírito. Desporto, Olimpismo e Ética*, Lisboa, Comité Olímpico Portugal, 2007 (Prémio de Investigação, na categoria de Ensaio, da Academia Olímpica de Portugal) e *Existência e Filosofia. O Ensaísmo de Eduardo Lourenço*, Porto, Campo das Letras, 2008. Integra como investigador o pólo da Universidade de Évora do NICPRI (Núcleo de Investigação em Ciência Política e Relações Internacionais).

²⁷ ID., “Europa paralisada e mutilada”, *Público*, Lisboa, 1/IX/2008, p. 33.

²⁸ ID., *A Europa Desencantada. Para uma mitologia europeia*, op. cit., p. 240.